



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE DESIGN DE MODA**

**NÁDIA GLEIDE MATOS CARDOSO**

**O PAPEL SOCIAL DAS BOLSAS FEMININAS - COMO A BOLSA SE  
TORNOU UMA EXTENSÃO DO CORPO DA MULHER.**

**FORTLEZA**

**2017**

**NÁDIA GLEIDE MATOS CARDOSO**

**O PAPEL SOCIAL DAS BOLSAS FEMININAS - COMO A BOLSA SE  
TORNOU UMA EXTENSÃO DO CORPO DA MULHER.**

Projeto apresentado ao curso de Design-Moda da  
Universidade Federal do Ceará como requisito  
parcial para a obtenção do título de Bacharel em  
Design-moda.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. MsC Walkiria Guedes de Souza

**FORTALEZA**

**2017**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>04</b>
<b>2</b>	<b>A BOLSA NA HISTÓRIA.....</b>	<b>07</b>
<b>3</b>	<b>EMERGE UMA NOVA MULHER.....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>A MULHER SOCIAL E SUA BOLSA.....</b>	<b>12</b>
<b>4.1</b>	<b>As mulheres e suas bolsas na cidade de Fortaleza.....</b>	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C265p Cardoso, Nádia Gleide Matos.  
O papel social das bolsas femininas : Como a bolsa se tornou uma extensão do corpo da mulher /  
Nádia Gleide Matos Cardoso. – 2017.  
19 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e  
Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Prof. Me. Walkiria Guedes de Souza.
1. Mulher. 2. Emancipação. 3. Bolsas femininas. I. Título.

CDD 391

---

# O PAPEL SOCIAL DAS BOLSAS FEMININAS - COMO A BOLSA SE TORNOU UMA EXTENSÃO DO CORPO DA MULHER.

Nádia Gleide Matos Cardoso <sup>1</sup>  
[nmatoscardoso@gmail.com](mailto:nmatoscardoso@gmail.com)

Walkiria Guedes de Sousa <sup>2</sup>  
[walkiria.guedes@ufc.br](mailto:walkiria.guedes@ufc.br)

## RESUMO

O presente trabalho visa apresentar uma análise sobre as transformações ocorridas na vida social das mulheres ocidentais da classe média e como as bolsas aparecem nesse contexto. A partir de pesquisa bibliográfica fez-se levantamento com foco no papel domiciliar feminino no século XIX, nas motivações que culminaram em sua emancipação no século XX, e por sua vez, nas bolsas de trabalho. Hoje, as bolsas assumem papéis diversificados, servindo como adorno ou para transportar objetos, como o caso de bolsas de festas, mas principalmente com a finalidade utilitária para as atividades do dia a dia. Com isso viu-se que as bolsas mais do que um acessório que está presente no cotidiano feminino, assumindo diferentes formas e confeccionadas em materiais diversos, tornou-se um símbolo da atividade das mulheres.

**Palavras-chave:** Mulher. Emancipação. Bolsas femininas.

## ABSTRACT

This article aims to present a succinct analysis of the transformations that occurred in the social life of Western middle class women and how bags appear in this context. Based on a bibliographical research, a survey was carried out focusing on the feminine home role in the nineteenth century, on the motivations that culminated in their emancipation in the twentieth century, and in turn, the bags these women used for work. Nowadays, they assume diverse roles as adornment or carrying objects like party bags but mainly with an utilitarian goal for day-to-day activities. therewith it was perceived that the bags are more than an accessory that are present in women's everyday life, with different shapes e made with various materials, they have become a symbol of women's activity.

**Keywords:** woman. emancipation. Women's bags.

## 1 INTRODUÇÃO

A bolsa, nos dias atuais, está intrínseca ao cotidiano das mulheres ocidentais. Seja concretizando sua função básica de carregar pertences, ou realizando um desejo de legitimação de status, a grande maioria das mulheres não sai de casa sem uma bolsa. Às vezes carregam até mais de uma ao mesmo tempo e isso se deve ao estilo de vida ativo adotado por elas.

Assumindo diferentes formas nos mais diversos materiais, passeiam por modelos como alforje, maleta, mochila, saco, bague, clutch. Segundo Dana Thomas (2008),

---

<sup>1</sup> Graduanda em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará

muito mais que acessório, as bolsas contam a história de quem as usa, suas aspirações e sua realidade. Grandes impulsionadoras de receita para o mercado da moda, a bolsa é aposta das grandes grifes. Além de apresentar uma resposta rápida na hora da compra - visto que não precisam obedecer a determinado tamanho de manequim - oferecem um considerável retorno financeiro. Aliado a isso, as empresas investem muito em marketing para gerar desejo no consumidor. Porém, a relação do ser feminino com a bolsa vai muito além de consumo, se levado em consideração que ela, a bolsa, assumiu diferentes significados à medida que as mulheres foram escrevendo sua história. Como resultado, existe um encanto em torno desse objeto que, de tão parceiro, tornou-se praticamente uma extensão dos corpos femininos.

Desde a menos sofisticada, que viaja no ônibus levando os pertences da mulher mais simples, àquela de grife feita em materiais luxuosos de modo artesanal - por vezes tão cobiçada quanto um carro - a bolsa está presente na vida das mulheres, contribuindo para que elas exerçam suas funções. É verdade que nem sempre a bolsa esteve tão presente em seu cotidiano, mas essa parceria foi potencializada e se tornou indelével à medida que a figura feminina saiu de casa para ocupar amplamente os espaços públicos.

Dada a importância das bolsas e tamanha a sua difusão no mercado de consumo feminino e em sua vida social, independente de seu poder aquisitivo, faz-se relevante compreender melhor esse vínculo, analisando a história desse objeto que, por vezes, perde seu status de acessório e assume papel protagonista na história da mulher.

Quando se usa uma bolsa, o que ocorre cotidianamente, quase sempre não se consegue imaginar todo o percurso feito por esse objeto ao longo da história e suas inúmeras configurações até chegar aos modelos apresentados hoje. Sua narrativa caminha junto com a história da indumentária e é um objeto que nos desperta tamanha curiosidade, tanto pela sua versatilidade quanto, como já dito, pela importância de um modo geral no cotidiano da mulher contemporânea, denominada por Lipovetsky (2000), “terceira mulher”; que valoriza as questões de liberdade, de igualdade, e que conquistou preponderância nos espaços públicos de modo geral.

Por fazer parte da história e do cotidiano da mulher, as bolsas se fazem assunto relevante, pois estiveram ao seu lado em momentos de grande mudança. E além de todo o dinheiro movimentado por esse objeto no mercado da moda, existe também uma relação de cumplicidade entre elas. Mais e mais as mulheres se tornam ativas e ocupam seu espaço na sociedade. Com isso fez-se importante, como objetivo, compreender quando se iniciou esse processo de ocupação e qual o papel da bolsa feminina nesse cenário. A

fim de compreender melhor o contexto que fortaleceu esse elo, tomou-se para o desenvolvimento da pesquisa o seguinte problema: qual a relação entre a bolsa feminina e a mudança do papel social da mulher a partir da segunda metade século XX? Visando solucionar o problema, tomaram-se como ponto de partida os seguintes objetivos específicos: Como surgiram as bolsas e como ocorreu seu uso e evolução? Quais acontecimentos propiciaram a legitimação das bolsas na vida da mulher? Qual a função social das bolsas femininas?

O trabalho, diante dos objetivos traçados, teve como metodologia uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, dado que para obtenção de respostas foram analisados aspectos históricos e simbólicos, pois segundo Gonçalves (S/D) “não faz uso de dados estatísticos na análise do problema”. Além disso, a autora afirma que há maior preocupação com o processo do que com o produto. A seguir, foi utilizado um referencial quantitativo com a tomada de uma amostra através de questionário, cujo meio de veiculação foi o ambiente virtual; redes sociais e emails. Segundo Gil (2008):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121)

O questionário foi aplicado a mulheres estudantes e trabalhadoras de Fortaleza com idade entre 18 e 35 anos e contava com perguntas de múltiplas escolhas para análise mais específica, buscando a obtenção de resultados.

Quanto aos objetivos, pela necessidade de “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2008 apud GONÇALVES (S/D) p. 100), ela pode ser considerada exploratória, pois possui planejamento flexível, permitindo o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos.

Foi escolhido como objeto de estudo o papel social da bolsa feminina. Para isso foi analisada também a transformação ocorrida no comportamento das mulheres durante a segunda metade do século XX. Principalmente as mudanças relacionadas ao trabalho e que conseqüentemente influenciaram na relação entre gêneros.

Quanto aos procedimentos utilizados para a coleta de dados, pode-se afirmar que a pesquisa foi bibliográfica. Essa parte foi uma averiguação de contribuições científicas acerca do assunto. Para (Santos, apud, Gonçalves (S/D) p.59) a pesquisa bibliográfica “é aquela que é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”.

## 2 A BOLSA NA HISTÓRIA

Quando se usa uma bolsa, o que ocorre cotidianamente, quase sempre não se consegue imaginar o percurso feito por esse objeto ao longo da história e suas inúmeras configurações até chegar aos modelos apresentados hoje. Sua narrativa caminha junto com a história da indumentária e, assim como as roupas, as bolsas são reflexo de seu tempo e podem expressar o estilo de vida de quem as usa.

Funções simbólicas e estéticas à parte, seu principal papel é transportar coisas e sua criação pode estar diretamente ligada a locomoção. Não se sabe exatamente quando as pessoas aderiram ao uso de um suporte para carregar seus pertences, mas a bolsa não é objeto essencial somente na vida moderna, ela pode estar ligada à sobrevivência.

Segundo Robert, em *Cinquenta bolsas que mudaram o mundo* (2011), há evidências de que a mochila foi utilizada por nossos antepassados nômades. Em confirmação, Dhora Costa em *História das bolsas* (2010) diz que os homens pré-históricos já conheciam técnicas para manusear o couro e produzir roupas para a proteção de seus corpos, sendo assim, foram capazes de desenvolver um tipo de receptáculo a partir de peles de animais para transportar inicialmente suprimentos, e depois seus utensílios. Em pinturas rupestres foram também encontradas representações de mulheres com um modelo de bolsas que consistiam em pequenos sacos pendurados nos braços.

A evolução humana desencadeou outras circunstâncias que contribuíram para o desenvolvimento de outros modelos. Segundo Donnanno (2012, p. 68), um modelo moderno de bolsa pode ter tido o seu advento junto com a criação do dinheiro e das moedas em geral. Do tempo da antiga Grécia se tem registros de um saco, “birsa” utilizado preso na cintura cuja função era portar moedas. Também na Roma antiga, segundo registros, usavam-se uma “bursa” com o mesmo objetivo.

Somente na Idade Média é que surgiram os modelos de bolsas tiracolo. Ao contrário do que possam parecer, as bolsas já foram amplamente utilizadas pelo sexo masculino e se distinguem das bolsas utilizadas pelas mulheres. As masculinas eram maiores. Em algumas pinturas medievais é possível ver a bolsa alforje - modelo bastante difundido ainda hoje - sendo utilizada por homens para carregar alimentos e dinheiro.

Na Idade Moderna, “entre os séculos XVII e XVIII as roupas, tanto femininas quanto masculinas, receberam bolsos. Com isso as bolsas caíram em desuso nesse período e somente após a Revolução Francesa é que elas voltam a ser acessório indispensável.”

(DONNANNO, 2012, p. 68, Tradução nossa)<sup>3</sup>. As roupas femininas adquiriram uma linha mais reta e ajustada, com isso não havia a possibilidade para a aplicação de grandes bolsos, onde se colocavam de tudo.

Foi desenvolvido no século XIX, o modelo *reticule*<sup>4</sup>, segundo Dana Thomas (2010 p. 16.), era uma pequena bolsa feita em tecido, parecida com um modelo já utilizado pelas mulheres na antiga Roma. Estas, são consideradas as precursoras das bolsas de mão. O modelo parecia um receptáculo pequeno, que poderia ser usado preso ao pulso ou presa na cintura, onde as mulheres colocavam tudo o que precisavam portar para sair de casa; um leque, um lenço e o cartão de visitas. O modelo pode ser visto na Figura 1.

**Figura 1 – Bolsa *Reticule***



Fonte: < <https://www.pinterest.es/pin/366410119665624725/>>. Acessado em: 27 de nov. 2016.

Ainda nas primeiras décadas do século XX alguns modelos de bolsas femininas refletiam muito bem seu estilo de vida. Isso nos permite observar que o ambiente social ainda não tem a presença feminina de modo marcante. Ela não passava muito tempo fora de casa e se o fizesse era sempre acompanhada por uma figura masculina. Quando saíam

---

<sup>3</sup> Nel '600 e '700 la moda femminile e maschile introdusse ampie tasche in ogni capo: nelle giacche, nei pantaloni, nelle mantelle, per gli uomini e nelle gonne, sopraggone e sottogone per le donne, per cui le borse furono abbandonate. Le borse rispuntano come accessorio indispensabile dopo la rivoluzione francese, quando, scomparsi i gonelloni, la moda impone abiti leggeri con una linea affusolata e quindi senza la possibilità di applicare le voluminose tasche, nelle quali prima si metteva di tutto.

<sup>4</sup> Devirado do termo francês “ridicules”.

elas utilizavam (outrora) as *reticules* e agora também as *chatelaines*<sup>5</sup>, que eram bolsas ainda pequenas onde podiam ser carregados o ingresso para um baile, um pequeno espelho, frasco de perfume, um leque e algum outro pertence. Vale ressaltar que esse modelo era inovador, tanto pelo design estético, pois era geralmente utilizada presa na cintura e as vezes apresentavam várias extensões para objetos, quanto pelo design funcional, já que permitia a mulher certa “autonomia”, pois não precisavam mais que o homem carregasse parte de seus pertences, como mostra a Figura 2.

**Figura 2 – Bolsa Chatelaine**



Fonte: <<http://www.collectorsweekly.com/articles/the-killer-mobile-device-for-victorian-women/>>.

Acessado em: 24 abr. 2017

Pode-se observar que os modelos de bolsas desenvolvidos para as mulheres, refletiam basicamente seu estilo de vida doméstico. O cuidado com a casa e a família eram as funções ligadas à figura feminina. Na sociedade sua função era basicamente ornamental, nesse sentido, muito parecida com a de sua pequena bolsa.

---

<sup>5</sup> Derivada da palavra francesa *châtelaine* que significa castelã.

### 3 EMERGE UMA NOVA MULHER

Nenhum período foi tão marcante na história das mulheres quanto o século XX. Ele se apresenta como um divisor de águas na vida da mulher ocidental. De forma lenta e gradual a leitora das literaturas açucaradas, consagrada do lar, é apresentada à mulher do trabalho. Trabalhar fora era sinônimo de ganhar dinheiro, fosse como operária ou doméstica. Essa mudança começou com a revolução industrial, iniciada no século XIX. O processo de industrialização favoreceu o assalariamento feminino e se fortaleceu com as guerras. Elas ocuparam temporariamente os postos de trabalho outrora ocupados por homens. Porém, nesse período a entrada da mulher no mercado de trabalho não foi efetiva, “elas almejavam o retorno a uma vida despreocupada, com seus maridos e seus filhos”. (COSTA, 2010, p 116)

No século XIX houve uma consagração das atividades de dona de casa. Lipovetsky (2000. P.207) afirma que “em 1851, o ideal já está tão difundido na Inglaterra que o recenseamento geral mencionava a nova categoria de ‘mulher do lar’“. As literaturas da época reforçavam essa visão normativa da mulher esposa-mãe. Uma nova cultura que supervalorizava as funções que outrora eram deixadas às sombras. A condição social da mulher era ser o anjo do lar e sua vida deveria ser dedicada a cuidar da felicidade dos filhos e da família. Esse conceito se mantém forte por todo o período entre guerras.

Para Friedan (1971) entre as décadas de 1920 e 1950, as mulheres se dedicavam a estudar ou a trabalhar não para serem profissionais, mas na verdade para encontrar um marido, morar em uma boa casa de subúrbio e ter 4 filhos. Esse era o ideal de realização vendido pela mídia dos EUA nas propagandas de eletrodomésticos.

Em fins da década observou-se um fenômeno sociológico: um terço das mulheres americanas trabalhava, mas a maioria não era jovem e poucas estavam seguindo carreira. Eram geralmente casadas, secretárias ou vendedoras, com empregos de meio expediente, ajudando a pagar os estudos do marido ou dos filhos, ou colaborando na liquidação de uma hipoteca. Um número cada vez menor dedicava-se a trabalho verdadeiramente profissional. A falta de enfermeiras, assistentes sociais e professoras provocou crises em quase todas as cidades americanas. Preocupados com a dianteira da União Soviética na corrida espacial, os cientistas observaram que o maior contingente intelectual em disponibilidade eram as mulheres. Mas estas não estudavam física: não era feminino. Uma jovem recusou uma vaga de ciência no John Hopkins para trabalhar no escritório de uma imobiliária. Sua ambição era a de toda jovem americana — casar, ter quatro filhos e viver numa bonita casa, num bairro agradável. (FRIEDAN 1971 p. 19).

Segundo Lipovetsky (2000, p.205), inicialmente o trabalho era visto como uma atividade degradante e contrária à vocação natural da mulher que, segundo os preceitos da época, consistiam em formar uma família e cuidar desta. As classes mais abastadas julgavam o trabalho feminino como sinal de pobreza, para as jovens solteiras era tido como vergonhoso e para as mulheres casadas, inadmissível. No máximo, ela poderia ter uma atividade complementar, que não colocasse em xeque suas atividades fundamentais de mãe e dona de casa. A inatividade econômica da esposa funcionava como um status das classes privilegiadas. Trabalhar, propriamente dito, somente se o marido não conseguisse suprir as necessidades da família. Do contrário, o lar era seu lugar.

Vale salientar que nas sociedades pré-industriais, século XVIII para as mulheres das camadas mais pobres, o trabalho sempre esteve presente em seus cotidianos. Não era indigno que uma jovem contribuísse com a renda da família.

Tanto na cidade como no campo, as moças solteiras trabalham seja no lar paterno, seja em outras famílias, como domésticas, criadas de exploração agrícola ou aprendizes. Nas explorações agrícolas as mulheres casadas cuidam dos animais e da horta, vendem os produtos, por vezes semeiam, colhem, conduzem a parelha. Na cidade, as esposas dos artesãos ajudam o marido na preparação e no acabamento dos produtos, fazem as transações, cuidam das contas. (LIPOVESTSKY, 2000, p.204).

Segundo Lipovetsky (2000, p.204), nas famílias mais pobres, o casamento funcionava como uma associação geradora de renda pra família e isso exigia a força produtiva de cada cônjuge. Ao contrário das mulheres de famílias mais abastadas, o cotidiano feminino estava muito mais ligado ao ambiente externo da casa que ao interior dela. Para as atividades domésticas eram dedicadas poucas horas da jornada e isso somente depois das atividades nos campos ou no comércio. Pouco tempo era dedicado ao cuidado com os filhos.

A passos lentos, sob rejeição e críticas de grande parte da sociedade, as mulheres foram ocupando postos de trabalho inferiores e subordinados aos homens. Prevalendo a ideia de oposição entre família e trabalho. Os movimentos que defendiam e divulgavam novos ideais quanto à postura feminina e/ou o papel da mulher, quase inexístiam. A luta das feministas pela igualdade salarial e os discursos marxistas que defendiam a entrada da mulher no mercado de trabalho, uma passagem obrigatória para sua emancipação, ainda não tinham tanta força. Somente a partir da primeira guerra é que começam a ganhar mais adeptas. O modelo de mulher emancipada dos anos 1920 ainda não é uma realidade. São poucas feministas que reivindicam sua autonomia.

Não pertencendo à esfera social e política, as mulheres eram privadas de seus direitos políticos, liberdade intelectual e econômica. “Os valores de realização e de independência de si minaram a religião feminina do amor em benefício de um amor menos incondicional, menos onipresente, menos oblativo”. (LIPOVESTSKY, 2000, p.34).

Através de conversas e cartas, Friedan (1971) relata que suas congêneres compartilhavam de uma insatisfação as quais não conseguiam dar nome. Sabiam que o ideal publicitário da mãe feliz ao cuidar exclusivamente do marido e dos filhos, mostrava-se vazio e um tanto mentiroso. Muitas demonstravam arrependimento por terem abandonado os estudos para dedicar-se às famílias. Todas as atividades que realizavam em prol dos filhos e esposos não respondiam às suas inquietudes por saber quem eram de verdade e quais seus objetivos pessoais. Sentiam-se vazias ao pensar que suas vidas se resumiam a cuidar dos outros.

Uma dona de casa de Houston, Texas, escreveu: “A sensação de estar sozinha com meu problema tornava-o ainda mais difícil de suportar. Dou graças a Deus por minha família, meu lar e a possibilidade de dedicar-me a eles, porém minha vida não poderia limitar-se a isto. Senti-me ressuscitar ao saber que não sou um caso estranho e que não preciso envergonhar-me por ambicionar algo mais.” (FRIEDAN, 1971, p 32).

A valorização da mulher de interior, de dentro do lar em seu sentido mais literal, ficou para trás depois de um século de demonização da mulher ativa. Agora iniciava um ciclo valorização de reconhecimento social.

Segundo Lipovestsky (2000), após a emancipação iniciada nos últimos 50 anos, a mulher assumiu a postura de “mulher-sujeito” em contestação à “mulher-objeto”. O seu engajamento no mercado de trabalho é reflexo das mudanças sociais iniciadas no último século.

#### **4 A MULHER SOCIAL E SUA BOLSA**

Desde os tempos mais remotos, as bolsas foram criadas para o ambiente externo. Na Pré-história, os nômades utilizavam-na para carregar comida e utensílios. Na antiguidade, para carregar moedas. Na idade moderna um batom, ou bilhetes de um concerto. Uma bolsa não tem muita utilidade dentro de casa, onde tudo o que é preciso para a rotina está à disposição. No século XIX, (apesar de circularem com mais frequência pelos espaços públicos) as mulheres tinham os movimentos das mãos limitados por ter que segurar uma bolsa decorativa. Já na segunda metade do século XX, a terceira mulher, como definiu Lipovestsky, não se contentava em ser apenas mãe e esposa, queria ser

reconhecida também enquanto profissional e ocupante dos espaços públicos. A mulher que trabalha agora tem um novo valor, é independente! Com isso a bolsa de trabalho, antes mal vista e somente utilizada pelas classes mais pobres, também ganha um novo significado.

A necessidade feminina de exercer outras atividades fora do lar exigia que suas bolsas se adaptassem a essa fase a qual adentravam. “Foi a busca de uma nova identidade que lançou a mulher, há um século, nessa impetuosa, criticada e mal interpretada viagem para fora do lar.” (FRIEDAN, 1971, p 71).

A Guerra trouxe mudanças profundas para a sociedade de modo geral. Na vida das mulheres e na moda, não foi diferente. A valorização por uma estética luxuosa e glamorosa cedeu espaço para itens de maior praticidade e pouco rebuscado. Segundo Costa, (p.132) “ao final da década [de 60], mochilas e bolsas para carregar nos ombros começaram a dominar os acessórios, criando um visual descontraído e casual”.

Costa (2010, p. 56) conta que a moda ainda estava voltada ao luxo e a opulência, mas já se percebia uma mudança de comportamento na classe média, as mulheres começaram a ganhar a vida como governantas, datilógrafas e balconistas de lojas, e começavam a exercer novas funções como medicina e advocacia.

A rotina das mulheres do trabalho era outra. Elas precisavam organizar tudo o que precisariam levar para a jornada; desde a comida até as chaves de casa. Não convinha utilizar ainda os modelos de bolsas pequenas, de mão.

Mochilas e bolsas funcionais tornaram-se um item indispensável para quem vivia nas grandes cidades, e eram vistas nos metrô, nos ônibus e no escritório. De náilon, couro ou lona, equipadas com fechos e bolsos utilitários eram próprias para a vida nos grandes centros urbanos e passaram a ser consideradas extensão do corpo. (DHORA COSTA, 2010, P. 161).

Na Figura 3, é possível perceber na primeira imagem, um pouco dessa realidade. A imagem faz parte do filme *Made in Dagenham*, 2010, com versão em português brasileiro intitulada de “Revolução em *Dagenham*”. O filme conta a história real das operárias da Ford, (lideradas por Rita O’Grady, interpretada por Sally Hawkins) na Inglaterra, em *Dagenham*, um subúrbio industrial de Londres. Por melhores condições de trabalho, elas decidem fazer uma greve em 1968 e, no decorrer da história, a greve culmina para a exigência de igualdade salarial.

**Figura 3 – Cena do filme *Made in Dagenham*.**



Fonte: <[http://www.bbc.co.uk/bbcfilms/film/made\\_in\\_dagenham/gallery/](http://www.bbc.co.uk/bbcfilms/film/made_in_dagenham/gallery/)> Acessado em: 4 out. 2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=Ks3DdUUV7Xc>> Acessado em: 18 out. 2017.

O filme mostra mulheres donas de si, munidas de suas bolsas. Alguns modelos de bolsas caíram nas graças das mulheres de vida ativa. Em especial aqueles que permitiam a liberdade das mãos para se segurar em um metrô, ônibus ou até mesmo guiar uma bicicleta. Eram modelos grandes o suficiente para levar tudo do que precisariam para a jornada. Modelos populares entre as mulheres do trabalho no pós-guerra foram as bolsa de compras e as bolsas carteiro.

**Figura 4 – Bolsa de Compras. Bonnie Cashin 1964.**



Fonte: Cinquenta bolsas que mudaram o mundo. Design Museum. 2011.

A bolsa de compras foi lançada em 1964 e era um modelo muito utilizado, geralmente, acompanhando outro modelo carregado nos ombros. Para levar o que não cabia nesta.

Durante os anos 1960, Cashin começou a trabalhar para a Coach, fabricante nova-iorquina de produtos de couro, produzindo uma série de bolsas resistentes e discretas que iam além do esperado para atender às necessidades de mulheres trabalhadoras ocupadas. Aliando formas fortes e simples e as encantadoras cores vivas dos sorvetes (mostarda, verde-pistache, rosa-bombom), essas bolsas destinavam-se a ser usadas, e não mostradas – carregadas nos lotados trens suburbanos e nas ruas cheias de gente das cidades, lançadas nas cestas de supermercado ou arremessadas no banco traseiro dos carros. Em resumo, eram as bolsas perfeitas para as mulheres emancipadas da geração Betty Friedan. (DESIGN MUSEUM, 2011, P.50)

Esse modelo de bolsa expressava praticidade. Sua criadora acreditava que uma bolsa nunca era suficiente visto que as mulheres tinham muitos papéis a desempenhar. Voltando à figura 3, as imagens inferiores mostram um modelo de bolsa muito parecido com a bolsa de compras (se não o próprio modelo), sendo utilizada exatamente junto de um modelo menor. Este, carregado no ombro.

Outra bolsa bastante utilizada ainda hoje pelas mulheres de vida ativa é a pasta. Um modelo a tiracolo bem parecido com a bolsa carteira. Abaixo na figura 5, pode-se observar o modelo desenvolvido por Bill Amberg em 1992.

Que tipo de bolsa uma mulher deveria levar para o trabalho? Algo com estilo e gracioso? O perigo é a possibilidade de transmitir o sinal errado – frívola demais, pouco profissional. Então que tal algo enorme e prático? [...] Em todo caso, uma bolsa de trabalho pode ser prática e elegante. (DESIGN MUSEUM, 2011, P.68)

**Figura 5 – Bolsa Pasta**



Fonte: Cinquenta bolsas que mudaram o mundo. Design Museum 2011.

A pasta é um ótimo exemplo de praticidade. Cumpre a missão de deixar as mãos livres e carregar tudo o que se precisa pra jornada. Desde estudante a executivas. Com as mulheres mais ausentes de casa, elas passam a precisar de uma bolsa mais resistente e espaçosa à medida que suas responsabilidades aumentam.

Vale ainda fazer uma reflexão sobre o carácter simbólico desses objetos. Em determinado momento elas perdem o status de mercadoria. Em si, as bolsas se tornaram tão indelévels a imagem do trabalho que fica difícil imaginar uma mulher indo realizar suas atividades fora de casa sem carregar uma bolsa. Sobre isso, Igor Kopytoff, 2008, p. 89, afirma que “do total de coisas disponíveis numa sociedade, apenas algumas são apropriadamente sinalizáveis como mercadorias. Além do mais, a mesma coisa pode ser tratada como uma mercadoria numa determinada ocasião, e não ser em outra.” Desse modo, as bolsas inicialmente resultado de um consumo são incorporadas à identidade pessoa e ao papel social das mulheres que trabalham fora de casa.

#### **4.1 As mulheres e suas bolsas na cidade de Fortaleza**

Traçando um superficial panorama na cidade de Fortaleza, foram entrevistadas através de questionário online, 108 mulheres estudantes e/ou trabalhadoras com idade entre 18 e 35 anos. Foram indagadas quanto à frequência com que utilizam bolsas. Em resposta, 87% das entrevistadas afirmaram que utilizam bolsas diariamente. Isso sugere não somente o estilo de vida ativo que grande parcela das mulheres possui, mas também como a bolsa é importante nesse cotidiano.

As bolsas passaram a fazer parte da rotina destas, quando iniciaram a ter obrigações que as mantivessem fora de casa. 96% afirmou que a bolsa contribui para que exerçam as atividades do dia-a-dia. No questionário foi pedido que as respondentes selecionassem dois modelos de bolsas utilizados com mais frequência. Como resultado, os modelos de bolsas *Management*<sup>6</sup> (aqueles que permitem os movimentos das mãos, por deixa-las livres) são os que possuem mais adeptas. As bolsas Tote, Mochila e Tiracolo são as preferidas para sair de casa.

Das respondentes, 63% disse utilizar transporte público para se locomover para trabalho/faculdade, isso denota a preferência pelos modelos que deixam as mãos livres.

---

<sup>6</sup> Derivado do termo italiano maneggiare, que significa conduzir, executar. No português pode ser traduzido como “manejar”.

Como as bolsas pequenas são associadas à elegância, as bolsas grandes são associadas ao trabalho e passam a ser um símbolo deste. Carteira com documentos, dinheiro ou cartões, celular, chaves, livros e outros materiais didáticos, estojo de maquiagem, guarda-chuva, medicamentos e alimentos preenchem as bolsas dessas mulheres.

Ao adquirir uma bolsa, os critérios mais levados em consideração segundo as respondentes são: estética, preço e funcionalidade. Afirmaram ter preferência pelos modelos grandes e bem divididos que permitam acomodar e organizar tudo o que precisa ser levado para a jornada fora de casa. Disseram ainda ter desperdiçado dinheiro ao comprar uma bolsa cujo material não era resistente ou que não era cômoda pra ser carregada. Segundo elas uma alça confortável é imprescindível. A cor é também uma característica importante para 97% das respondentes. Os modelos em tons terrosos e na cor preta são os mais adquiridos.

Pode-se dizer que as bolsas grandes são associadas ao trabalho feminino e passam a ser um símbolo deste. E para estarem presente no cotidiano dessas mulheres, para serem adquiridas precisam corresponder a critérios funcionais e estéticos preestabelecidos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As bolsas, desde a sua criação estiveram ligadas ao ambiente externo ao lar, foram feitas para acompanhar o ir e vir dos seres humanos. Sua principal função era transportar coisas para algum lugar. Com o passar do tempo, foram se distinguindo entre sexos e assumindo diversos formatos. Os modelos que apareceram ao longo da história, diziam sobre seu tempo e sobre quem os utilizava.

As mulheres, como um cabide, refletiam o poder aquisitivo dos maridos ou do pai, através de suas vestimentas. Na sociedade, sua função era meramente decorativa, assim como sua pequena bolsa. Na qual levava algum pertence simples, do qual pudesse precisar no pouco tempo que ficaria fora. Mais tarde, as mulheres foram força motriz de mudanças sociais na segunda metade do século XX, que iniciaram a redefinir o papel destas na sociedade, e isso possibilitou que escrevessem sua história de forma indelével.

A partir da análise das referências, e do questionário, percebe-se que a utilização das bolsas por parte das mulheres se inicia quando estas assumem funções fora do lar. E com isso precisam se ausentar por mais horas. Até os anos 1980, as mulheres assumiram de forma definitiva sua participação no mercado de trabalho. As bolsas de trabalho ganharam um novo status. Antes consideradas deselegantes e utilizadas apenas por

camponeses, e de modo geral, pelas mulheres das camadas mais pobres, passaram a ser utilizadas também pelas mulheres de maior poder aquisitivo.

O trabalho permitiu que as mulheres pudessem se auto afirmar enquanto sujeitos. Donas de si, iniciaram uma trajetória para ser quem quisessem. Assumir a postura que lhes convinha. E a bolsa se fez um ícone dessas transformações. Munidas de suas parceiras, as mulheres puderam levar seus pertences necessário para assumir seus papéis “extra lar”. As bolsas as ajudaram a tornar realidade suas aspirações. Foi também uma questão de escolha, saírem de casa para conquistar novos espaços e ganhar o próprio dinheiro.

Determinados modelos de bolsas passaram da categoria de meros acessórios, e se tornaram símbolos da autonomia e atividade feminina. Além de ajudarem a narrar essa trajetória. Uma mulher acompanhada de sua bolsa de trabalho denota independência e uma vida cheia de responsabilidades.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. Tradução de Aghata Bacelar.

COSTA, Dhora. **História das bolsas**. São Paulo: Matrix, 2010.

DONNANNO, Antonio. **Accessori moda**. Milão, Itália: Ikon Editrice, VI edição atualizada 2012.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Trad. Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

GARBELOTTO, Cristina Schiavon. **A bolsa no cotidiano feminino. (sem data da publicação)**.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Metodologia da Pesquisa**. Avercamp, 2005

ROBERT, anderson. Design Museum (Org.). **Cinquenta bolsas que mudaram o mundo: Fifty bags that changed the worl**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Tradução de Liza Meller.

THOMAS, DANA. **Deluxe: como o luxo perdeu o brilho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Imagens disponíveis em:

Figura 1 < <https://www.pinterest.es/pin/366410119665624725/> Acesso em: 27 nov. 2016.

Figura 2 <<http://www.collectorsweekly.com/articles/the-killer-mobile-device-for-victorian-women/>> Acesso em: 24 abr. 2017.

Figura 5 <[http://www.bbc.co.uk/bbcfilms/film/made\\_in\\_dagenham/gallery/](http://www.bbc.co.uk/bbcfilms/film/made_in_dagenham/gallery/)> Acesso em: 4 nov. 2017.

Figura 5< <https://www.youtube.com/watch?v=Ks3DdUUV7Xc>> Acesso em: 18 out. 2017.